

Resenha do Livro:
Origens de Winnicott – Ascendentes Psicanalíticos e Filosóficos de um Pensamento Original
Autor: Roberto B. Graña
Editora Casa do Psicólogo, 1º edição, 2007

César Bastos¹

O livro de Roberto Graña, embora subdividido em duas partes, a primeira sobre ancestralidade psicanalítica de Winnicott, onde é estudada a presença, na obra do pediatra e psicanalista inglês, de Freud, Ferenczi e Melanie Klein, a segunda sobre sua ancestralidade filosófica, onde são destacados Berkeley, Hume e Merleau-Ponty, parece compor-se, na verdade, de mais uma parte, talvez a fundamental: o prefácio, onde o autor relata a sua caminhada real em Londres e seus encontros e desencontros com as pegadas do grande psicanalista. Poderíamos aqui dizer que todo o prefácio nos comunica o apego de Roberto ao grande autor e a difícil tarefa de descobrir e trazer a público a presença de Donald Winnicott em Donald Winnicott mesmo.

Em seu “prefácio”, Graña nos conta, de forma enlevante, seu estágio no *Anna Freud Centre* (Hampstead Clinic) de Londres, com a finalidade de selar um intercâmbio regular do *Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade* e a então cinqüentenária instituição fundada pela filha de Freud. Todos se surpreendiam que no Brasil, Winnicott tivesse a importância que parecia ter, visto o testemunho do singular visitante. A estranheza de Roberto com a “pouca importância” dada ao autor podia ser parcialmente creditada àquela instituição ter sido fundada por Anna Freud, porém evoluiu à perplexidade quando ele dirigiu-se ao St.Mary's Hospital Department of Child and Adolescent Psychiatry, quando buscava o lendário Paddington Green Children's Hospital onde Winnicott trabalhara por quatro décadas. Recebido por um dos psiquiatras, o mesmo lhe mostrou o que restara de Winnicott: uma breve resenha de sua vida, colocada em um

¹ Resenha escrita por César Bastos, médico psicanalista filiado à IPA como Membro da Sociedade Psicanalítica de Pelotas e Membro Convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Fundador e Diretor Presidente do Contemporâneo – Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, RS. Endereço para correspondência: cesarbas@terra.com.br

saco plástico numa parede, e um retrato. Um pouco constrangido disse ao Graña ser uma pena que ali ele não estivesse tão vivo quanto Melanie Klein na Clínica Tavistok, ao que Roberto contrapôs: “Mas ele já foi esquecido, em tão pouco tempo?”, ao que o psiquiatra londrino apunhalou: “Mas...quando foi mesmo que ele morreu?”.

A leitura deste livro de Roberto, lembrou-me associativamente uma das obras primas da literatura alemã: o “Sobre o Tratado de Marionetes” do diretor Heinrich Von Kleist (1777-1811), porque tanto o autor quanto sua obra são praticamente desconhecidos fora da área da cultura germânica. Nunca o li pessoalmente, mas me interessei pela posição básica que seu ensaio encontra, em um dos mais magníficos trabalhos do austro-americano Heinz Kohut em seu “Reflexões sobre a fúria narcísica”.

O dramaturgo – desconhecido fora da Alemanha – gerou um texto capaz de tornar-se a base de algumas reflexões de Kohut e, mesmo, adquiriu um status merecedor de penetrar associativamente nesta breve resenha, alhures.

Obviamente uma história não explicará a outra, mas há alguns elementos ligados à universalidade do falso e do verdadeiro self, e do seu significado social (incluindo aí a própria Psicanálise), que me enlevaram reflexões cuja pertinência possuem, por si próprias, legitimidade.

O texto do dramaturgo fala de um bailarino “real” que, numa conversa fictícia com Heinrich, lhe afirma que a dança das marionetes é quase perfeita em comparação com a dança humana. O centro de gravidade da marionete é a sua ALMA; tudo que o titeriteiro precisa é colocar-se nesse ponto à medida que movimenta a marionete, e o movimento de seus membros atingirá um grau de perfeição que não pode ser alcançado por um bailarino humano, uma vez que – nas marionetes – o CENTRO FÍSICO e a ALMA são uma coisa só. Em comparação, o dançarino humano seria falho, acanhado, pretensioso, artificial e, amiúde, “homossexual”.

Não há muita dificuldade, como diz Kohut, em identificar os problemas com os quais o escritor estava preocupado: medos acerca do estar vivo em SER e CORPO e a rejeição desses medos através da afirmação de que o inanimado pode ser gracioso e até mesmo perfeito através da fusão com um ambiente onipotente pelo qual o indivíduo é controlado – o titeriteiro.

Por esta razão dividi o livro de Roberto em três partes. Em consonância com suas próprias idéias ao buscar as origens de Winnicott, eu diria que seu caminhar por Londres foi algo assemelhado ao que fez Winnicott com seus pacientes. O gênio inglês, pediatra e clínico, que duvidava da utilidade prática de conceitos como a compulsão à repetição, e das idéias de Freud sobre pulsão; que achava enfadonha e para nada útil a metapsicologia, enquanto que, ao mesmo tempo, filosofava sobre o humano como os maiores filósofos faziam, dizendo nada saber de filosofia.

Para Winnicott, talvez alguns conceitos de Freud fossem compreendidos de forma equívoca pelos demais psicanalistas, acabando por tornar o homem títere e titeriteiro. Talvez este seja um ponto que necessita de uma compreensão profunda de porque Winnicott, tanto se inconformando com alguns conceitos desenvolvidos por Freud, sempre se disse freudiano. Podemos, brevemente recordar que na origem da segunda tópica: id, ego e superego, o “Isso” se constituiu no empréstimo (Nasio, em “O prazer de ler Freud” Zahar Ed.), feito por Freud, de um conceito de Groddeck: que o homem é ANIMADO pelo DESCONHECIDO, uma força maravilhosa que dirige o que ele faz e o que lhe advém. Assim a proposição “eu vivo” fala apenas da realidade cognitiva espaço-temporal pois, na verdade o homem é “vivido pelo Isso”...“Isso pensa, isso vive”. O homem pensa e vive numa localização tão ESPECIAL quanto ILUSÓRIA, visto que habita dois mundos estranhos: o mundo de “dentro” (o isso) e o de “fora” (a realidade exterior), a que seria intangível e puramente ilusória para Berkeley (primeiro filósofo mencionado e estudado por Roberto no seu livro) e ,seguramente, transicional, num sentido lato, tanto para Winnicott quanto para Freud.

Winnicott não veio, a meu ver - como Graña também afirma no seu livro -, trazer a psicanálise até um novo paradigma, como defende Zeljco Loparic nos seus profundos estudos das correlações entre Heidegger e Winnicott.

Mas veio trazer aos seres humanos a noção de legitimidade dos acertos, dos erros, dos sonhos acordados e a noção de que algo em nós – algo muito “errado”- é o humano! A perfeição – considerada uma arte mecânica, quase cartesiana, pertence aos titeriteiros. A cada pressão, a cada ângulo na mão, a cada pequena força, um efeito no movimento do boneco ganha APARENTE vida.

Nestas idéias, a meu ver, Winnicott e Kohut se constituem numa espécie de “verdadeira resistência” aos elementos psicanalíticos que reduzam a existencialidade fortuita do humano.

Por eles podemos - e também nossos pacientes - sonhar em voar ou mesmo vivermos nossas próprias vidas como nossos sonhos. Kohut, interpretando a liderança de Churchill na defesa da Inglaterra às investidas nazistas, nos mostra que o mesmo fora, na infância, animado por tal crença em ser capaz de voar, que sofrera sério acidente ao saltar de uma árvore. Que ideal mais nobre pode habitar um homem do que o sonho de, voando, comandar a luta de sua nação em tão difícil guerra? Ou, melhor colocando, QUEM mais poderia exercer este comando? Esta crença infantil poderá ter sido a base de uma enorme resistência e vitória.

Outro grande mérito do livro de Roberto é que o mesmo é essencialmente TRANSDISCIPLINAR.

Mesmo dentro da nossa aventura psicanalítica torna-se hoje imprescindível abriremos mais e mais para o plurisaber. Os autores, compartimentados, se tornam em pequenos feudos de saber. Se disciplinas novas surgem a cada dia, oriundas de fusões (astrofísica, bioética, neuropsicanálise, etc.), o que mais faz aqui o autor do que cotejar o pensamento Winnicottiano com o de grandes psicanalistas que o influenciaram positiva ou negativamente, e com a obra de alguns filósofos ingleses e franceses que dão guarida e um caráter universal extra-psicanalítico às suas idéias?

Antes de todos. Antes de Freud, Melanie Klein, Ferenczi, Berkeley, Hume e Merleau-Ponty, eu gostaria de mencionar Blaise Pascal (*Pensamentos*, Martins Fontes, 2001). O jovem gênio que tão forte brilhou e que logo cedo se apagou (morreu aos 30 anos). Pascal redescobriu, criança e sozinho, toda a matemática Euclidiana, BRINCANDO winnicottianamente – se me permitem – com as lajotas da cozinha da casa de seu pai, mas seu espírito superior nisto não se deteve: cavalgou os séculos e, com isto, compreendeu e fez compreender ser impossível surgirem pensadores ou teorias autóctones. *Ex-nihilo*. Dizia ser necessário saber um “pouco de tudo”, devido ser inestético saber-se “tudo sobre uma coisa”. Agregava que “...a chama não subsiste sem o ar; portanto, para conhecer um, é preciso conhecer o outro.” E acrescentava, com indescritível gênio: “...portanto, sendo todas as coisas causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas se

mantendo por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes, tenho como impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.”

Somente este rumo, não fosse o aprofundamento e a erudição de Roberto Graña no seu “Origens de Winnicott”, já tornaria obrigatória a sua leitura pelos pensadores da cultura e da psicanálise.